

UM ANO COM C. S. LEWIS

Leituras diárias
de suas obras clássicas

C.S. LEWIS

Editado por
Patricia S. Klein

UM ANO COM C. S. LEWIS

**Leituras diárias
de suas obras clássicas**

Traduzido por
Gabriele Greggersen



Editora Ultimato
Viçosa, MG

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:
A Year With C.S. Lewis
Daily Readings from His Classic Works

A Year with C.S. Lewis © C.S. Lewis Pte Ltd 2003

Publicado originalmente em inglês por HarperCollinsPublishers
77-85 Fulham Palace Road – Hammersmith, London W6 8JB
United Kingdom

Primeira edição: Dezembro de 2005
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Fernanda Brandão
Colaboração: Cristiane Rocha
Daniela Cabral
Délia M. C. Bastos
Capa: Douglas Lucas

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

Lewis, C.S., 1898-1963

L673 Um ano com C.S. Lewis : Leituras diárias de suas obras clássicas / C.S. Lewis ;
2005 editado por Patricia S. Klein; tradução: Gabriele Greggersen. – Viçosa, MG :
Ultimato, 2005.
408p. ; 23cm.

ISBN 85-86539-86-4

Título original: *A Year with C.S. Lewis: Daily Readings from His Classic Works*

1. Lewis, C.S. – 1898-1963. 2. Devoções diárias. 3. Exercícios espirituais.
II. Título.

CDD 22.ed. 242.5

SUMÁRIO

<i>Apresentação à edição brasileira</i>	7
JANEIRO	9
FEVEREIRO	43
MARÇO	75
ABRIL	109
MAIO	141
JUNHO	175
JULHO	207
AGOSTO	241
SETEMBRO	275
OUTUBRO	307
NOVEMBRO	341
DEZEMBRO	373

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O LEITOR QUE lê pela primeira vez um escrito de C.S. Lewis tem a agradável surpresa de descobrir a criatividade de um homem que foi professor de filosofia em Oxford e de literatura em Cambridge. Ele tinha um dom extraordinário para tratar temas cristãos profundos com simplicidade e perspicácia, enquanto conduzia os pensamentos por caminhos nunca trilhados. É impossível ler esse mestre sem perguntar: “Por que eu não pensei nisso antes?”

Em 1961 fui para Cambridge a fim de pedir ao professor Lewis que me concedesse o privilégio de publicar algumas de suas obras em português. Não consegui falar diretamente com ele, pois não estava em casa naquela ocasião. Porém, foi possível lançar, com seu consentimento, pela Edições Vida Nova, as obras *Cartas do Inferno*, *Razão do Cristianismo* e *Transposição* (hoje, *Peso de Glória*). Demorou para a fama de C.S. Lewis conquistar um número significativo de leitores no Brasil nos anos 60. Hoje não é mais assim. Lewis é conhecido porque, pouco a pouco, os brasileiros passaram a entender o que o mundo de fala inglesa já conhecia há cinquenta anos.

Neste livro, em doses fáceis de digerir, o leitor poderá logo compreender por que Lewis é conhecido como um dos mais influentes pensadores de sua geração. Ele é lógico, coerente e sábio. Sem ser teólogo profissional, escreve sobre teologia, história, literatura, ética e psicologia, sempre com o intuito de conduzir o leitor a pensar e querer melhorar. Sessenta anos atrás era completamente fora de moda escrever sobre o Tentador, como Lewis fez nas *Cartas* para chamar a atenção dos ingleses sobre a sutileza do Diabo. Hoje, mais do que nunca, é preciso observar como o Inimigo pensa e age.

A editora Patricia Klein foi feliz na idéia de apresentar uma coleção de parágrafos para leituras diárias e, assim, permitir ao leitor fazer uma refeição leve. Ler um livro inteiro às vezes dá indigestão, mas, em pequenas doses, a leitura pode se tornar mais sugestiva e agradável. Pode-se saborear o pensamento sem imediatamente abrir espaço para uma outra idéia. Algumas pessoas tomam vitaminas em forma de pílulas para fortalecer a saúde. Ler diariamente um parágrafo de Lewis seguramente fará muito bem para a saúde mental e espiritual, e fortalecerá o caráter cristão.

—
8
—
Recomendo *Um Ano com C.S. Lewis* sem reservas. Felicito a Editora Ultimato pela iniciativa de preparar, para os leitores de fala portuguesa, este importante e belo volume.

A Deus toda a glória!

Russell Shedd

J | A | N | E | I | R | O

- dia 1* – JÁ PENSOU dar de cara com ele?
- dia 2* – IMAGINE um caramujo erudito
- dia 3* – NÃO NUA, e sim com uma nova roupa
- dia 4* – PROVE e veja
- dia 5* – INIMIGOS da bondade
- dia 6* – UMA TEOLOGIA prazerosa
- dia 7* – TREMENDA bobagem
- dia 8* – ALGO MAIS além
- dia 9* – QUEM é ele?
- dia 10* – ATÉ QUE foi divertido
- dia 11* – MUITO MAIS do que mera bondade
- dia 12* – QUE AMOR é esse?
- dia 13* – GUERRA nos Céus
- dia 14* – VISÕES ofuscadas de Deus
- dia 15* – NOSSA ATIVIDADE mais nobre
- dia 16* – NOSSAS TRÊS possíveis respostas para Deus
- dia 17* – SEMPRE agora
- dia 18* – SÓ UM PEDAÇO de papel colorido?
- dia 19* – VIAJANDO sem mapa
- dia 20* – AOS POUCOS, a verdade aparece...
- dia 21* – DE MITO POÉTICO a simples fato
- dia 22* – REMÉDIOS divinos
- dia 23* – SOBRE A autoridade
- dia 24* – ENCONTRANDO conforto
- dia 25* – QUEM poderia imaginar?
- dia 26* – NÃO COMO UM RIO, mas como uma árvore
- dia 27* – SER bom
- dia 28* – ACHANDO o equilíbrio
- dia 29* – ATO falho
- dia 30* – PROSSIGA com muito cuidado
- dia 31* – A CORDA de segurança

Já pensou dar de cara com ele?

É SEMPRE chocante encontrar vida quando pensamos estar sós. “Venha ver!”, gritamos, “está *vivo*”. É exatamente nesse ponto que muitos recuam – eu teria feito o mesmo se pudesse – e deixam de buscar o cristianismo. Acreditar em um “Deus impessoal” – tudo bem. Em um Deus subjetivo, fonte de toda a beleza, verdade e bondade, que vive na mente das pessoas – melhor ainda. Em alguma energia gerada pela interação entre as pessoas, em algum poder avassalador que podemos deixar fluir – o ideal. Mas sentir o próprio Deus, vivo, puxando do outro lado da corda, aproximando-se em uma velocidade infinita, o caçador, rei, marido – é outra coisa. Há um momento em que as crianças que estão brincando de polícia e ladrão, de repente, ficam quietas e uma sussurra no ouvido da outra: “Você ouviu aqueles passos no corredor?” Chega uma hora em que as pessoas que ficam brincando com a religião (“a famosa busca do homem por Deus”), de repente, voltam atrás: “Já pensou se nós o encontrássemos mesmo? Não é essa a nossa intenção! E, o pior de tudo, já pensou se ele nos achasse?”

– de *Miracles* [Milagres]

1911 Lewis (aos 12 anos de idade) ingressa na Escola Preparatória de Cherbourg, em Malvern.

Imagine um caramujo erudito

DE ONDE vem essa predisposição das pessoas de achar que Deus possa ser tudo, menos o Deus concreto, vivo, desejoso e atuante da teologia cristã? Acho que a razão é a seguinte. Vamos imaginar um caramujo totalmente erudito, um verdadeiro guru entre os caramujos, que (em uma visão arrebatadora) consegue ver, ainda que de relance, o que é um ser humano. Na tentativa de transmitir suas visões aos seus discípulos, os quais já têm seus próprios conceitos sobre o assunto (ainda que menos informados do que ele), ele terá que usar muitas negações. Terá que lhes dizer que nenhum ser humano vive em uma concha; que não vive como um molusco, grudado em uma pedra; que não vive rodeado de água etc. E os discípulos que tiverem alguma visão, certamente, acabarão captando a idéia do que seja o ser humano.

12

O problema é que chegam então os caramujos intelectuais, eruditos, que escrevem histórias da filosofia e dão palestras sobre religiões comparadas, mas que nunca tiveram visão por si mesmos. Tudo o que eles conseguem extrair das palavras proféticas do caramujo são apenas os aspectos negativos, tudo isso sem o corretivo de um olhar positivo. Eles constroem, assim, uma imagem do homem como se fosse uma espécie de gelatina amorfa (ela não possui concha), que não existe em um lugar específico (muito menos grudada em alguma pedra), e que jamais se alimenta (não há ondas fazendo o alimento chegar até ela). E, fiéis à sua reverência tradicional pelo homem, eles concluem que ser uma gelatina subnutrida, que vive num vácuo sem dimensões, seja o modo supremo de existência. Assim, rejeitam como grotesca, materialista e supersticiosa toda doutrina que atribua ao homem uma forma, uma estrutura e um sistema orgânico definidos.

– de *Miracles* [Milagres]

1914 Lewis e seu amigo de infância Arthur Greeves, dos tempos de Belfast, dão início ao que viria a se tornar uma troca de correspondências por toda a vida.

Não nua, e sim com uma nova roupa

NOSSA própria situação é bem parecida com a dos caramujos eruditos. Grandes profetas e santos têm uma intuição com relação a Deus que é positiva e concreta. Pois, só de tocar as vestes do seu ser, eles foram capazes de vislumbrar que ele é a plenitude da vida, da energia e da alegria. E por isso (e por nenhum outro motivo) eles têm de anunciar que ele transcende aquelas limitações que chamamos de personalidade, paixão, mudança, materialidade e coisas do gênero. A qualidade positiva que há nele, que ultrapassa as limitações, é a única razão para tantas negativas.

Mas quando, titubeando, corremos atrás tentando construir uma religião intelectual, e “iluminada”, o resultado é que pegamos essas negativas (infinito, imaterial, impassivo, imutável etc.) e as usamos sem temperá-las com a intuição positiva.

A cada passo do processo excluimos da nossa idéia de Deus algum atributo humano. A única razão de se jogar fora atributos humanos é criar espaço no qual colocaríamos algum atributo divino positivo. Na linguagem do apóstolo Paulo, o propósito desse despir não é deixar nossa idéia de Deus nua, mas fazer com que ela seja revestida. Infelizmente, não temos meios para realizar este revestimento. Assim que removemos da nossa idéia de Deus características elementares dos seres humanos, nós (meros investigadores inteligentes e eruditos) não temos onde buscar aquele atributo da divindade incrivelmente real e concreto que deve ser colocado no lugar do atributo humano removido.

Assim, a cada passo no processo de refinamento, nossa idéia de Deus vai sendo esvaziada, e imagens fatais começam a aparecer (um mar infinito, silencioso, um céu límpido além das estrelas, uma abóbada branca e radiante), levando-nos a um grande vazio, à adoração de uma entidade não existente.

– de *Miracles* [Milagres]

1892 Nasce em Bloemfontein, na África do Sul, J.R.R. Tolkien, amigo de longa data de Lewis, além de colega e sócio do clube *Inklings* (grupo de amigos que se encontravam regularmente, entre aproximadamente 1930 e 1963, para compartilhar manuscritos e conversas boas e bem regadas).

Prove e veja

A AFIRMAÇÃO cristã de que só quem faz a vontade do Pai conhecerá a verdadeira doutrina é filosoficamente precisa. A imaginação pode nos ajudar um pouco, mas na vida moral e devocional (mais ainda) tocamos em algo concreto que começará imediatamente a corrigir o vazio crescente da nossa idéia de Deus. Um só momento de sensibilidade contrita ou de gratidão poderá nos tirar, de certa forma, do abismo da abstração. É a própria razão que nos ensina a não confiarmos somente nela nesta questão, pois reconhece que não pode trabalhar sem a matéria. Quando se torna claro que você não pode descobrir, através do raciocínio, se o gato está ou não no armário, a própria razão lhe sussura: “Vá lá e veja. Esse não é um trabalho meu. É uma questão para os sentidos”. Ou seja, a matéria para corrigir nossa concepção abstrata de Deus não pode ser fornecida pela razão; ela será a primeira a mandá-lo fazer a experiência: “Prove e veja!” É claro que ela já terá mais do que provado que o seu posicionamento atual é absurdo. Enquanto permanecermos como caramujos eruditos, podemos esquecer que, se ninguém jamais tivesse visto mais de Deus do que nós, não teríamos razões nem sequer para acreditar que Ele seja imaterial, imutável, impassível e tudo mais. Até aquele conhecimento negativo que nos parecia tão razoável não passará de uma relíquia que sobrou do conhecimento positivo de pessoas melhores – não passará de marcas que uma onda gigante celestial deixou na areia, depois de ter batido em retirada.

– de *Miracles* [Milagres]

Inimigos da bondade

É QUASE desnecessário dizer que, se é que existe um Deus – uma energia bondosa, absoluta, impessoal –, este não o fará gostar dele, mas também não o fará aborrecer-se com ele. O problema é que uma parte de você está do lado dele, e realmente concorda com o protesto contra a ganância, enganação e exploração humana. Você poderá até querer que ele abra uma exceção no seu caso, que lhe dê uma chance só dessa vez; mas saberá, no fundo, que se ele fizer isso, então não pode ser bom, porque esse poder que está por trás do mundo real detesta esse tipo de comportamento. Por outro lado, sabemos que se existe alguma bondade absoluta, então todos os nossos esforços são desperados a longo prazo. Mas se ela existir, tornamo-nos inimigos dessa bondade todos os dias, e não temos muita chance de agir melhor amanhã; e assim, mais uma vez, nossa situação vira um caso desesperador. Não podemos viver sem a bondade, mas também não podemos conviver com ela. Deus é o único consolo, ao mesmo tempo em que é o terror supremo: é de quem mais precisamos e de quem mais queremos nos esconder. Ele é o nosso único aliado possível, e nós nos fizemos seus inimigos. Há pessoas que falam de Deus como se o olhar fixo dele fosse divertido. Elas precisam repensar seu comportamento, pois isso é sinal de que não estão fazendo nada mais do que brincar de religião. Dependendo da nossa atitude a bondade pode significar uma incrível segurança ou então, um grande perigo. E temos assumido a atitude errada.

– de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples]

Uma teologia prazerosa

UMA razão por que muitas pessoas acham a teoria da evolução tão atraente é que ela nos proporciona o grande consolo emocional de acreditar em um Deus sem termos que assumir nenhuma consequência. Quando você se sente disposto e o sol brilha, e você não quer acreditar que o universo todo não passa de uma mera dança mecânica de átomos, é bom estar em condições de pensar nessa grande força misteriosa como uma onda gigantesca que se move através dos séculos, carregando você na crista dela. Se, por outro lado, você estiver a fim de cometer um ato muito feio, aquela Força Vital, que não passa de uma energia cega, amoral e desprovida de mente, *jámais* [grifo nosso] irá interferir na sua vida da mesma forma como faz aquele Deus terrível, do qual ouvimos falar na infância. A Força Vital é uma espécie de Deus domesticado. Podemos acioná-la quando bem entendemos, desde que ela não interfira nas nossas vidas. Podemos, assim, usufruir de todas as emoções da religião, sem nenhum custo. Seria essa Força Vital a maior expressão de falsa esperança que o mundo já viu?

16

– de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples]

1943 *The Abolition of Man* [A Abolição do Homem] é publicado pela Editora da Universidade de Oxford.

Tremenda bobagem

SE VOCÊ não leva muito a sério a distinção entre o bem e o mal, será fácil dizer que tudo que encontrar nesse mundo vem da parte de Deus. Mas, é claro que, se você considerar certas coisas realmente erradas, e acreditar que Deus é, de fato, bom, então não poderá falar assim. Você tem de acreditar que Deus vive separado do mundo e que certas coisas que vemos por aí são contrárias à sua vontade. Ao confrontar-se com um câncer ou uma favela, o panteísta poderia dizer: “Se você ao menos conseguisse enxergar tudo do ponto de vista divino, certamente entenderia que isso também é de Deus”. E o cristão responderia: “Não diga bobagem!”, pois o cristianismo é uma religião de luta. Ele defende que Deus criou o mundo, o espaço e o tempo, o calor e o frio, as cores e os sabores, os animais e os vegetais; tudo são coisas que Deus “tirou da sua cabeça”, exatamente do mesmo jeito que alguém inventa histórias. Mas o cristão acha também que grande parte das coisas desse mundo que Deus fez foram corrompidas, e que ele insiste, de forma bastante vigorosa, que restauremos as coisas ao que devem ser.

– de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples]

1955 Lewis instala-se nas dependências do Magdalene College, em Cambridge.

8 DE JANEIRO

Algo mais além

PENSO que todos os cristãos concordariam comigo se eu dissesse que, embora o cristianismo pareça à primeira vista todo dedicado à moral, aos deveres e regras, culpa e virtudes, ele vai muito além disso, para algo que transcende. Todos nós vislumbramos um país onde não se fala sobre fatos como a corrupção e a maldade, a não ser, quem sabe, de brincadeira. Todos estão lá cheios do que podemos chamar de bondade, da mesma forma que um espelho se enche de luz. Mas ninguém a chama de bondade. As pessoas nem sequer a percebem. Não a chamam de nada. Estão ocupadas demais, tentando achar a fonte de onde ela vem. O bom é que este é um estágio em que a estrada passa por cima da margem do nosso mundo. Os olhos de uma pessoa não podem enxergar muito além disso: muitos olhos podem ver melhor do que os meus.

Quem é ele?

TEMOS dois tipos de evidência de que existe de fato alguém [por trás da lei moral]. Um é o universo que ele criou. Se nós o usássemos como única pista, penso que teríamos de concluir que Deus é um grande artista (pois o universo é um lugar muito bonito), e também poderíamos concluir que ele é cruel e pouco amigo do homem (já que o universo é um lugar bastante perigoso e assustador). A outra evidência sutil é a lei moral que ele colocou dentro de nós. E essa evidência é maior do que a primeira, porque é uma informação interna. Você descobrirá mais sobre Deus observando a lei moral do que o universo em geral, da mesma forma como você descobre mais sobre uma pessoa ouvindo o que ela diz do que observando a casa que ela está construindo.

– de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples]

Até que foi divertido

O QUE entendemos hoje por bondade divina é quase que exclusivamente a capacidade de amar de Deus; e isso pode até ser verdade. A maioria de nós entende, nesse contexto, amor como bondade – um desejo de ver os outros felizes, e não apenas nós; felizes não por isso ou aquilo, mas simplesmente felizes. Será que o que nos satisfaz realmente é um Deus que diga: “Pouco me importa, desde que eles fiquem satisfeitos”, quando tivermos vontade de fazer qualquer coisa? O que desejamos, de fato, não é bem um pai no Céu, mas um avô no Céu – uma benevolência de gente “velha” que, como se diz, “gosta de ver gente jovem se divertindo”, e cujo plano para o universo fosse simplesmente que ele dissesse ao fim de cada dia: “Tudo isso até que foi divertido”. Não são muitas as pessoas, admito, que formulariam uma teologia em termos tão precisos; mas uma concepção não muito diferente dessa se oculta no inconsciente de várias mentes. Não pretendo ser uma exceção. Gostaria muito de viver num universo governado por princípios como esse. Mas como está mais do que claro que não vivo, e já que eu tenho razões para acreditar que, apesar disso tudo, Deus é amor, concluo que a minha concepção de amor necessita de correção.

– de *The Problem of Pain* [O Problema do Sofrimento]

1950 Lewis recebe a primeira carta de sua fã americana Joy Davidman Gresham.

Muito mais do que mera bondade

HÁ BONDADE no amor; mas amor e bondade não são sinônimos; e quando a bondade (no sentido de que estávamos falando) é separada dos demais elementos do amor, ela envolve uma certa indiferença em relação ao objeto da sua benevolência, ou até mesmo certo conformismo em relação a ele. A bondade se dispõe de forma bastante rápida à remoção do seu objeto – todos nós já encontramos pessoas cuja bondade em relação aos animais as leva a matá-los para evitar que sofram. A bondade pura e simples não se importa se o seu objeto vem a ser bom ou mau, contanto que ele escape do sofrimento. De acordo com as Escrituras são os bastardos que são mimados; os filhos legítimos, que têm a incumbência de levar adiante a tradição da família, acabam sendo disciplinados (Hb 12.8). É para as pessoas com as quais não nos importamos nem um pouco que pedimos felicidade incondicional. Quando se trata dos nossos amigos, cônjuges, namorados e filhos somos exigentes e preferimos muito mais vê-los sofrendo do que vivendo em uma felicidade conformada e alienante. Se Deus é amor, ele é, por definição, algo mais do que simples bondade. E parece, a julgar pelos registros, que apesar de Deus ter nos repreendido e condenado tantas vezes, ele jamais se referiu a nós com desprezo. Ele nos recompensou pela extravagante benevolência do seu amor por nós, no sentido mais profundo, mais trágico, mais inexorável.

– de *The Problem of Pain* [O Problema do Sofrimento]

1942 Lewis dá início à sua segunda série de palestras na BBC de Londres, intitulada “O que crêem os cristãos”. Essas palestras são publicadas mais tarde como *Broadcast Talks* [Conversas de Rádio], em Londres, e *The Case for Christianity*, nos Estados Unidos, e compreendem o livro 2 de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples].

Que amor é esse?

QUANDO o cristianismo diz que Deus ama o ser humano, isso quer dizer que Deus *realmente* ama o ser humano; não que ele tenha alguma preocupação “desinteressada” e totalmente indiferente ao nosso bem-estar. A verdade mais terrível e surpreendente é que nós somos objetos do seu amor. Você pediu um Deus amoroso: ele está aí. O grande espírito que você invocou com tanta sensibilidade, o “senhor de aspecto terrível”, existe mesmo. Não como algum velho bondoso e solene, desejoso de que você seja feliz à sua própria maneira; nem um magistrado filantrópico frio e consciente; tampouco um anfitrião que se sente responsável pelo conforto dos seus convidados. Trata-se antes do fogo consumidor dele mesmo: o amor que criou o mundo com o mesmo cuidado persistente de um artista pela sua obra e despótico como o amor de um homem por seu cachorro, providente e venerável como o amor de um pai por seu filho, ciumento, inexorável e exigente como o amor entre os amantes. Como isso deve acontecer, eu não sei. A razão por que qualquer criatura, sem falar de criaturas como nós, deveria ter um valor assim tão prodigioso aos olhos do Criador extrapola a nossa capacidade racional. Trata-se certamente de um fardo ou peso de glória que não vai apenas além dos nossos desertos, mas, salvo raros momentos de graça, além dos nossos desejos. Temos a mesma tendência das senhoras daquela peça antiga que desaprovaram o amor de Zeus. Mas o fato parece inquestionável.

— de *The Problem of Pain* [O Problema do Sofrimento]

1951 Janie King Moore (sra. Moore) morre aos 78 anos de idade em Oxford e é enterrada na Holy Trinity Church, em Headington Quarry, Oxford. A sra. Moore (mãe de Paddy Moore, companheiro de guerra de Lewis) e sua filha Maureen ficaram sob os cuidados de Lewis depois da morte de Paddy na Primeira Guerra Mundial.

Guerra nos Céus

Cartas do Diabo a seu Aprendiz *apresenta uma troca de correspondências entre um tentador sênior, Screwtape [Criação de Lewis, combinação entre “verme” e algo que se enrola sobre si mesmo], e seu protegido, Wormwood [cupim]. Nesta carta, Screwtape tenta esclarecer a grande rixa entre o Inimigo, Deus, e o “Pai” de todos os tentadores, Satã.*

O QUE ele pretende fazer dos homens? Eis a grande questão. Imagino que não faça mal algum dizer-lhe que havia sido essa a causa principal da rixa do Nosso Pai com o Inimigo. Quando a criação do homem foi cogitada pela primeira vez e quando, já naquele estágio, o Inimigo confessou livremente que ele previa um certo episódio sobre uma cruz, Nosso Pai, com toda a naturalidade, marcou uma entrevista, solicitando-lhe explicações. O Inimigo não deu resposta; apenas contou o conto da carochinha sobre o amor desinteressado que ele estaria pondo em circulação desde então. É claro que isso era inadmissível para o Nosso Pai. Satã implorou que o Inimigo colocasse as suas cartas na mesa e lhe deu todas as oportunidades para tanto. Ele admitiu que se sentia realmente ansioso para conhecer o segredo, e o Inimigo respondeu: “Eu queria, de todo o coração, que você fizesse isso mesmo”. Foi nesse estágio da entrevista que eu passei a entender o desgosto do Nosso Pai diante de uma falta de confiança infundada dessas. Isso deve ter feito com que ele se afastasse a uma distância infinita daquela presença tão repentinamente. E assim, acabou provocando o surgimento daquela história ridícula de expulsão dos céus à força. Desde então, começamos a perceber por que o nosso Opressor estava tão cheio de segredos. O seu trono depende desse segredo. Membros da sua facção já admitiram que se algum dia compreendermos o que ele quer dizer por amor, a guerra acabará e nós estaremos convidados a entrar novamente nos céus. E é aí que se encontra a grande tarefa. Sabemos que Deus não sabe amar de verdade; ninguém sabe. Isso não faz sentido. Se ao menos fôssemos capazes de descobrir o que ele está tramando *realmente!*

– de *The Screwtape Letters* [Cartas do Diabo a seu Aprendiz]

1919 Lewis (aos 20 anos de idade) é liberado do serviço militar na Primeira Guerra Mundial e retorna a Oxford.

Visões ofuscadas de Deus

TRATANDO-SE de conhecer a Deus, a iniciativa veio da parte dele. Se ele não se mostra, não há nada que você possa fazer para encontrá-lo. E, de fato, ele se revela muito mais a certas pessoas do que a outras, não porque faça acepção, mas porque é impossível que ele se mostre por completo a um ser humano cuja mente e cujo caráter estão em péssimas condições. É como a luz do sol que, embora não tenha preferências, não consegue refletir-se num espelho sujo de forma tão clara quanto num espelho limpo.

Você pode colocar isso de uma outra forma, dizendo que, enquanto em outras ciências os instrumentos são coisas externas a você mesmo (como microscópios e telescópios), o instrumento por meio do qual você vê a Deus é o seu ser. E se esse “ser” não for mantido limpo e luminoso, seu olhar para Deus ficará obscurecido – à semelhança da lua vista num telescópio sujo. Eis por que nações horríveis têm religiões horríveis: elas sempre olharam para Deus com lentes sujas.

— de *Mere Christianity* [Cristianismo Puro e Simples]

1946 Geoffrey Bles/The Centenary Press, Londres, publicam *The Great Divorce* [O Grande Abismo].

Nossa atividade mais nobre

SE O MUNDO não existe principalmente para amar a Deus, mas para que ele nos ame, ainda assim, esse mesmo fato se dá, num nível mais profundo, por nossa causa. Se ele, que existe em si mesmo e não precisa de nada, opta por precisar de nós, é porque precisamos que precisem de nós. O cristianismo que aprendemos agora ensina que, por trás de todos os relacionamentos de Deus para com o homem existe um ato divino de pura doação – a eleição do ser humano, a partir da não-existência, para tornar-se o amado de Deus, e portanto (em certo sentido) o necessário e desejado de Deus. Ele não deseja nada a não ser esse mesmo ato, já que tem e é toda a bondade eternamente. E esse ato é devido a nós. É bom conhecermos o amor; e melhor ainda é conhecer o melhor objeto de amor: Deus. Mas seria uma forma falsa de conhecê-lo se considerássemos a própria natureza das coisas. Ou seja, conhecê-lo como se tivesse um amor cujos pretendentes fôssemos primariamente nós, e Deus fosse o pretendido, o qual nós estivéssemos buscando. É como se nós o tivéssemos achado para se conformar às nossas necessidades, e não o contrário. Não passamos de criaturas; nosso papel tem de ser sempre o do paciente para o agente, da fêmea para o macho, do espelho para a luz, do eco para a voz. Nossa atividade mais nobre deve ser a de resposta e não, de iniciativa. Experimentar o amor de Deus de uma forma verdadeira e não ilusória é, portanto, experimentá-lo como uma entrega às suas exigências; nossa conformidade para com o seu desejo. A experiência contrária significa, por assim dizer, um atentado contra a gramática do ser.

– de *The Problem of Pain* [O Problema do Sofrimento]